CONHECIMENTOS UTEIS.

A ESCHOLA POLYTECHNICA.

84 A 22 d'abril de 1843 uma catastrophe geralmente sentida, privou Lisboa de um bello edificio de duzentos annos de existencia, e o paiz de um estabelecimento concentrica e devidamente organizado — o mais respeitavel de Portugal depois da universidade de Coimbra. Ja se terá adivinhado que quero fallar do incendio do edificio conhecido pelo nome de 'Collegio-dos-nobres' e onde se creára a Eschola-polytechnica.

O zêlo n'essa occasião desinvolvido por todo o corpo cathedratico d'aquelle importante estabelecimento; por muitas pessoas de elevada categoria, sem exceptuar a mais suprema d'ellas, segundo então se disse; a discussão da imprensa periodica e da tribuna parlamentar: tudo concorria para nos cimentar a grata esperança de que a Eschola-polytechnica surgiria ainda mais brilhante das suas ruinas, e que os numerosos mancebos que a frequentam achariam n'um centro commum a educação scientifica e esperançosa como até alli, e de que ja se iam colhendo os melhores resultados. Debalde porém se tem esperado até hoje a satisfação d'estes desejos: parece que todo o zêlo de então se apagou ou arrefeceu depressa; pensou-se talvez que a disseminação das escholas por outros estabelecimentos, a que são incommodas e onde não estão como deviam, não seria prejudicial á organização de um estabelecimento cuja unidade de idêas é o primeiro elemento da sua constituição, e consequentemente a centralização dos meios da execução do seu pensamento a indispensavel garantia dos bons resultados.

Protestâmos que escrevemos inteiramente extranhos a tudo quanto a este respeito se tem passado — se com effeito alguma coisa se tem passado; e que ignorâmos tudo quanto possa haver sôbre este objecto além dos factos públicos e de todos conhecidos.

Depois d'esta declaração que nos pareceu necessaria, e porque emfim não temos obrigação nem meios de saber o que particularmente se tracta — se porventura alguma coisa ha tractada: pensâmos que, sem infligir censura a ninguem porque recordâmos apenas o que todos teem visto, pensâmos que se deve lamentar, seja qual for a causa, não se haverem realizado as esperanças, tão justamente concebidas, de ver restaurado um bello edificio, e competentemente rehabilitado um estabelecimento indispensavel. N'estas circumstancias lembra-nos de que a 'Companhia das Obras publicas,' que ja se sabe haver tomado a seu cargo outras edificações similhantes sería competentissimo meio de levar ao cabo a reconstrucção da Eschola-polytechnica — e desde ja.

Quando se tracta de melhoramentos, todos necessarios, todos indispensaveis, custa-me dar a preferencia a qualquer d'elles; todavia, parece-me que mesmo sem essa preferencia a Companhia das Obras-publicas está sufficientemente habilitada a emprehender a reconstrucção de que tracto conjunctamente com as demais obras que, como se sabe, deverá começar a com brevidade.

Não vemos embaraços para a execução d'este projecto, nem mesmo podêmos atinar porque d'elle se não tenha ja tractado, visto que a idêa é obvia e simples.

Emquanto á necessidade d'esta reedificação estou certo de que não carece ser demonstrada, mas, se o carecesse, pelos artigos 1762, 1827, 1886, 1910, 1975 do 2.° v. d'este jornal se poderia bem reconhecer a importancia d'ella.

NOVO PROCESSO PARA CONSERVAÇÃO DAS MADEIRAS.

85 Os jornaes hollandezes de 16 do passado conteem a circumstanciada notícia de uma experiencia, feita em grande escala, sôbre o processo inventado para conservação das madeiras, e ja priviligiado em Inglaterra, França e Belgica. Este processo consiste em metter a madeira em grande cylindros, e depois de lhes haver extrahido o ar inchel-os com uma mistura de cal e ferro, que se amalgamam e poem a madeira á prova de podridão e caruncho, e tão duradoira como o ferro. A experiencia sahiu tão bem que o govêrno hollandez vai adoptar a madeira assim preparada na construcção de todos os seus navios e trabalhos publicos.

MODO DE PRATEAR PELA ELECTRICIDADE.

86 Toma-se uma oitava de prata da melhor qualidade (a de galões queimada mas limpa poderá servir); e sendo de chapa se deve bater em laminas delgadas que se lançam n'uma capsula, ou mesmo tigella de porcelana, a que se ajunta acido nitrico sufficiente para a cubrir e dissolver. Applica-se-lhe uma grizeta, servida a espirito de vinho, para fazer evaporar o acido e mesmo favorecer mais a dissolução, até ficar reduzida a uma massa sêcca, cinzenta ou côr de cana. Retira-se a grizeta, e se lhe ajuntam 10 oitavas ou 12 de prussiato de potassa, e 10 onças d'agua destilada. Applica-se de novo a grizeta, e vai-se mexendo com um bocado de vidro, por tempo de 5 minutos, ou até que o prussiato esteja bem dissolvido, e tenha apparecido uma côr de flôr d'alecrim ou cinzento. Retira-se então a grizeta, deixa-se esfriar e filtra-se por papel pardo para nos servirmos do liquido que passou pelo filtro, e que se arrecadará em frasco ou garrafa de vidro, rolhado.

Em um alguidar grande de barro põe-se um vaso de zinco, com seu conductor de arame. Enche-se d'agua da fonte o alguidar, e ajuntam-se-lhe umas poucas de gôtas d'acido sulphurico (oleo de vitriolo) por exemplo, 5 ou 6, para cada canada de agua, de modo que provando-se na lingua se conheça estar levemente acidulada. Em volta da peça de zinco se põe uma especie de trempe de pau ou ferro para podêr sustentar um vaso qualquer, dentro do qual se lança a dissolução da prata. Este vaso deve ser aberto na parte inferior, e em volta do gargallo se ata com uma guita um bocado de bexiga de boi ou de porco, ou mesmo de pergaminho (que muitas vezes é preferivel se as peças que se teem a pratiar são pesadas ou podêrem romper a bexiga). D'esta maneira ficarão os dois liquidos separados pela membrana animal mas communicando o fluido electrico. A peça de cobre, latão, ou bronze, que se quizer pratiar, dependura-se no arame de cobre, conductor da eletreccidade que se desinvolve no zinco visto estar em contacto com a agua acidulada, e se mergulha toda a peça na dissolução da prata. Em poucos momentos ficará coberta d'uma capinha de

prata que augmentará mais em espessura quanto maior espaço de tempo estiver na dissolução. Tira-se para fóra, mergulha-se em bastante agua, e esfrega-se com cremor-tartaro, depois com escova macia, e mergulha-se de novo na dissolução da prata deixando-se estar de cada vez 2, 3, 4 e 5 minutos segundo parecer necessario.

Convem que as peças que se querem pratiar sejam limpas o mais perfeitamente possivel: alguns outros esclarecimentos mais poderei dar quanto ao ferro, estanho etc. que exige outro processo. Convem ter cautella com o prussiato de potaça que é um veneno.

(Communicado.)

LEME DE REPOR.

87 Todos sabem que a perda do leme é uma catastrophe para um navio; para obviar a este perigo o ministerio da marinha em França tinha feito todos os esforços para que alguem imaginasse um leme de repôr que funccionasse immediatamente á perda do leme ordinario, ou de qualquer avaria que embaraçasse o seu movimento. Até agora nenhuma das idêas propostas tinha satisfeito cabalmente o que se pertendia, ou por muito complicadas ou por muito morosas na execução; mas assegura-se que um empregado da marinha-real inventou agora um leme de repor que preenche completamente o seu fim: assim foi julgado pelo supremo conselho da marinha, que o manda experimentar n'uma corveta de guerra. Teremos cuidado de informar do mais que soubermos d'esta importante descoberta.

INDUSTRIA PORTUGUEZA.

88 Chamâmos a attenção do govêrno de Sua Magestade, de todos os industriaes e portuguezes zelosos pela prosperidade do seu paiz, sôbre o artigo que transcrevemos do 'Periodico dos Pobres no Porto' n.° 180, e particularmente sôbre a parte que pomos em gripho. O espaço hoje não nos dá logar a reflexões proprias, mas o assumpto, de per si so, bem alto clama. O artigo é o seguinte:

«O *Sr. Tinelli*.—Estec avalheiro, consul dos Estados-Unidos no Porto, era um extrangeiro que tinha feito a favor do paiz mais do que a maior parte dos nossos compatriotas: havia-se dedicado com paixão a fomentar entre nós a industria da creação do bicho da seda; para isso arrendou a cêrca da Serra em frente da cidade, e n'ella vegetavam ja 40:000 amoreiras, por elle colligadas e havidas com despezas: o Sr. Tinelli pediu por vezes ao govêrno e ás camaras a concessão por certo número de annos d'aquelle terreno, para ali fazer um seminario-modêlo do tractamento e propagação do bicho da seda: industria que a França e outras nações tratam de aclimatizar; e entre nós é tanto mais util o promover-se que a *industria popular do panno de linho, que entretinha na provincia do Minho mais de cincoenta mil braços, está defecando e morrendo pela concorrencia dos tecidos inglezes entre nós e no Brazil*. Esta tão louvavel pretenção e patriotico offerecimento não foi attendido; e o Sr. Tinelli, tendo de continuar a sua carreira consular, ahi vai despachado para a America hispanhola, a sua plantação vai ser vendida a retalho, e seus projectos caducaram!! A França, os Estados da Allemanha, por toda a parte mandam quem aprenda das outras nações os aperfeiçoamentos e industrias que entre elles carecem de fomento: nós, votâmos ao desprezo quem nos vem offerecer novos mananciaes de industria!!! É fado nosso.»

RECOVAGEM. (1)

89 Agradecendo primeiramente os não merecidos e excessivos elogios do sr. Redactor da revista, pois que para haverem esses mesmos estudos que me attribue era preciso existirem os elementos de cujo falta me queixo, passarei a continuar o assumpto encetado a fl. 64.

Estabelecidas as razões elementares d'esta investigação, vamos agora ver por ellas, quanto caberia a Portugal de recovagem territorialmente, se as nossas producções diversas não differissem em nada das da França. Tendo sido a recovagem arbitrada em 173 milhões para a França, e tendo Portugal 0,17 das dimensões d'aquella nação, segue-se (173 × 0,17) que nós deveriamos ter 29,41 milhões de recovagem se possuissemos, segundo as áreas relativas, a mesma riqueza e a mesma população no nosso territorio que possue a França. Não tendo nós porém a mesma riqueza e offerecendo ellas, segundo as minhas supposições, os termos de 128 réis para 40 réis, haverá a fazer um abattimento de 128 para 40 n'estes 29.41 milhões, o qual os reduzirá a 9.19 milhões.

A última reducção que nos resta a fazer é a da população. Reduzimos terreno, reduzimos riqueza, devemos tambem reduzir o alimento e mais accessorios de 93 individuos em cada milha quadrada em Portugal contra 160 no mesmo espaço em França. Sujeitando pois os 9.19 milhões supra a ésta regra mais, teremos finalmente 5.34 milhões de toneladas francezas para toda a recovagem de Portugal; dado que podessem merecernos algum credito as analogias que tenho estado a procurar estabelecer entre os dois paizes.

N'estes 5.34 milhões de toneladas devem tocar, segundo a repartição indicada por Mrs. Navier e Dutens, 3.92 milhões a generos consummidos onde se criam, 0.15 a conducção aquatica, 0.65 a caminhos travessos, e 0.31 a estradas reaes. Não hesito em não alterar a distribuição que propuzeram estes dois AA. por que a arrumação ou localisação dos habitantes do nosso paiz está no caso de se assimilhar talvez bastante á da França.

Ambas as nações são muito agriculas, guardada a distancia da nossa defficiencia. E, para não haver preferencias nas especies, se as nossas estradas reaes são más os seus caminhos vicinaes e travessos não estão em melhor estado. É verdade que não temos canaes, mas tambem pelo outro lado, servimo-nos muito do transporte costeiro e de cabotagem para os nossos generos.

Tolerada pois a destribuição, que de curiosidade aqui se appropriou, vamos converter os pêsos francezes em portuguezes e fazer a divisão por individuo a vêr o que dá para cada um, afim de se colligir se ha muita extravagancia, ou ha alguns visos de probabilidade nas phantazias que se teem computado até agora.

Uma tonelada franceza pelas taboas da traducção portugueza da arithmetica de Lacroix é egual a 2,166,88 arrateis portuguezes; serão portanto os 5.34 milhões de toneladas francezas equivalentes a 11,571,159,200

1 Continuado de pag. 65.

arrateis, ou 361,598,100 arrobas, ou 90,399,525 quintaes, ou 5,105,686,20 toneladas portuguezas. Estes numeros ficam muito distantes para se podêr appreciar a sua applicação, e por isso passaremos a reparti-los chronologicamente.

Foi ja dito que a população de Portugal em 1841 eram 3,396,972 almas. Se dividirmos os arrateis que temos achado por este divisor, teremos por anno para cada individuo, 3,403 arrateis. Este quociente ainda se não faz bem saliente á nossa comprehensão. Se portanto o tornarmos a dividir por 365 dias sahirá de 9 a 10 arrateis por dia o pêso dos objectos que teem de se mover até que cheguem ao seu último destino.

Se se attender a que so em pão se calcula um gasto quotidiano de $1\frac{1}{4}$ a $1\frac{1}{2}$ lb., e que ha além d'este, mais outros artigos de que se compõe a sustentação do homem, que não so tem de se alimentar, mas que se veste e que se abriga, quesitos todos que multiplicam o volume por um sem fim de variadas e diversas fórmas, póde ser que se não ache de todo chimerico este último resultado,

As pessoas comtudo que julgarem que mui limitada deve ser a consideração que lhes devem merecer éstas deducções por serem todas ellas tiradas de dados graciosos, nem por isso deixam de ter razão.

De accordo com os que assim pensam aqui ficaria, se a tarefa que tomei me não obrigasse a alguns esclarecimenmentos sôbre esses algarismos, reaes ou ficticios, que tenho calculado.

Um ponto que significa muito para a viação, é a intensidade da população, porque segundo ella é mais ou menos especifica n'um dado espaço, mais ou menos extensa é a distancia que tem de percorrer o producto antes de se consummir; d'onde, sem refferencia a preços, os districtos que pela sua pobreza menos meios teem para fazer estradas são os que mais precizam d'ellas e mais caros tem de pagar os transportes. As distancias são maiores.

Em assentando as áreas e a população de cada uma das provincias, faremos o possivel por tornar clara ésta proposição.

AREAS DAS PROVINCIAS.

	Leguas quadradas.
Minho	262
Tras-os-Montes	337
Beira	726
Extremadura	607
Alemtejo	838
Algarve	180
Total	2,950

POPULAÇÃO DAS PROVINCIAS.

	Habitantes.
Minho	828,368
Tras-os-Montes	305,314
Beira	1,093,486
Extremadura	762,885
Alemtejo	276,590
Algarve	130,329
Total	3,396,972

Habitantes por legua quadrada.

Minho	3,161
Tras-os-Montes	906
Beira	1,506
Extremadura	1,256
Alemtejo	330
Algarve	724
Termo medio total	1,151

Tudo o que se produz tem de soffrer depois de produzido mais ou menos movimento primeiro que alcance a sua permutação, ainda que não seja senão o da sua transposição do domicilio rural para o urbano, ou do campo para a cidade: ora, sendo o espaço, na provincia, por exemplo, do Alemtejo de habitante para habitante como de 9 para 1, em comparação do Minho (330 para 3,161) segue-se que tem de andar, por exemplo, um moio de trigo 9 vezes mais caminho no Alemtejo do que no Minho para chegar ao logar da venda, e portanto importará a sua conducção 9 vezes mais, o que vem a ser um desfalque ou um augmento muito serio na venda para o lavrador, ou na compra para o consummidor. É ésta uma das razões não pouco sensiveis das lastimas em preços de cereaes, de que se queixam n'aquella provincia, relativamente ás outras.

Antes de passar adiante, ao arbitramento do custo da recovagem, assentarei as suas qualidades por provincias segundo o consummo de cada habitante. Achou-se que o pêso de coisas que cada um d'elles consomme era o de 9 a 10 ararteis por dia. Dando que não sejam inteiramente imaginarias todas as cifras que se contaram, serão as arrobas a transportar em cada provincia as seguintes:

	Arrobas.
Minho	89,761,438
Traz-os-Montes	33,083,634
Beira	118,460,983
Extremadura	82,645,875
Alemtejo	29,963,919
Algarve	14,118,975
Total	368,034,821

(Continúa.)

Claudio Adriano da Costa.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO VII.

Reflexões importantes sôbre o Bois-de-Boulogne, as carruagens de mollas, Tortoni, e o café do Cartaxo. — Dos cafés em geral, e de como são o characteristico da civilisação de um paiz. — O Alfageme. — Hecatombe involuntaria immolada pelo A. — Historia do Cartaxo. — Demonstra-se como a Gran'-Bretanha deveu sempre toda a sua fôrça e toda a sua glória a Portugal. — Shakspeare e Laffitte, Milton e Chateaumargot. — Nelson e o principe de Joinville. — Próva-se evidentemente que M. Guizot é a ruina de Albion e do Cartaxo,

90 Voltar á meia-noite do *Bois-de-Boulogne* — o bosque por excellencia, descer, entre nuvens de poeira, o longo stadio dos 'Campos-Elysios', entrever, na rapida carreira, o obe-

lisco de Luxor, as árvores das Tulherias, a columna da praça Vendomma, a magnificencia heteroclyta da 'Magdalena', e emfim sentir parar, de uma soffreada magistral, os dois possantes inglezes que nos trouxeram quasi de um folego até ao 'boulevard de Gand'; ahi entreabrir mollemente os olhos, levantando meio corpo dos regallados cochins de seda, e dizer: 'Ah! estamos em Tortoni... que delicia um sorvete com este calor!' — é seguramente, é dos prazeres maiores d'este mundo, sente-se a gente viver; é meia hora de existencia que vale dez annos de ser rei em qualquer outra parte do mundo.

Pois acredite-me o leitor amigo, que sei alguma coisa dos sabores e dissabores d'este mundo, fiese na minha palavra, que é de homem experimentado: o prazer de chegar por aquelle modo a Tortoni, o apear da elegante caleche balançada nas mais suaves mollas que fabricasse arte ingleza do puro aço de Suecia, não alcança, não se compara ao prazer e consolação de alma e corpo que eu senti ao apear-me de minha choiteira mula á porta do grande café do Cartaxo.

Fazem idea do que é o café do Cartaxo? Não fazem. Se não viajam, se não sabem, se não vêem mundo ésta gente de Lisboa! E passam a sua vida entre o Chiado, a rua do Oiro e o theatro de San'Carlos, como hãode alargar a esphera de seus conhecimentos, desinvolver o espirito, chegar á altura do seculo

Coroae-vos de alface, e ide jogar o bilhar, ou fazer sonetos á dama nova, ide, que não prestais para mais nada, meus queridos Lisboetas; ou discuti os deslavados horrores de algum melodrama velho que fugiu assoviado da 'Porte-Saint Martin' e veio esconder-se na Rua-dos-Condes. Tambem podeis ir aos Toiros — estão imbolados, não ha perigo...

Viajar?... qual viajar! até á Cova-da-Piedade i, quando muito, em dia que lá haja cavallinhos. Pois ficareis alfacinhas para sempre, cuidando que todas as praças d'este mundo são como a do Terreiro-do-Paço, todas as ruas como a rua Augusta, todos os cafés como o do Marrare.

Pois não são, não: e o do Cartaxo menos que nenhum.

O café é uma das feições mais characteristicas que ha n'uma terra. O viajante experimentado e fino chega a qualquer parte, entra no café, observa-o, examina-o, estuda-o, e tem conhecido o paiz em que está, o seu govêrno, as suas leis, os seus costumes, a sua religião.

Levem-me de olhos tapados onde quizerem, não me desvendem senão no café; e protesto-lhe que em menos de dez minutos lhe digo a terra em que estou se for paiz sublunar.

Nós entrámos no café do Cartaxo, o grande café do Cartaxo; e nunca se incruzou turco em divan de seda do mais splendido café de Constantinopla com tanto gôso de alma e satisfacção de corpo, como nós nos sentámos nas duras e asperas tábuas das esguias banquetas mal sarapintadas que ornam o magnífico estabelecimento bordalengo.

Em poucas linhas se descreve a sua simplicidade classica: será um parallelogrammo pouco maior que a minha alcova; á esquerda duas mezas de pinho, á direita o mostrador invidraçado onde campeam as garrafas obrigadas de licor de amendoa, de canella, de cravo. Pendem do tecto, laboriosamente arrendados por não vulgar thesoira, os pingentes de papel, convidando a lascivo repouso e inquieta raça das moscas. Reina uma frescura admiravel n'aquelle recinto.

Sentámon'os, respirámos largo, e entrámos em conversa com o dono da casa, homem de trinta a quarenta annos, de physionomia experta e sympathica, e sem nada do repugnante villão-ruim que é tam usual de incontrar por similhantes logares da nossa terra.

— 'Então que novidades ha por ca pelo Cartaxo, patrão?'

— 'Novidades! Por aqui não temos senão o que vem de Lisboa. — Ahi está a 'Revolução' de hontem...'

— 'Jornaes, meu caro amigo! Vimos fartos d'isso. Diga-nos alguma coisa da terra. Que faz por ca o...'

— 'O mestre J. P. o 'Alfageme?'

— 'Como assim o Alfageme?'

— 'Chamam-lhe o Alfageme ao mestre J. P., pois então! Uns senhores de Lisboa que ahi estiveram em casa do Sr. D. poseram-lhe esse nome, que a gente bem sabe o que é, e ficou-lhe, que agora ja ninguem lhe chama senão o Alfageme. Mas quanto a mim, ou elle não é Alfageme, ou não o hade ser muito tempo. Não é aquelle não. Eu bem me intendo.'

A conversação tornava-se interessante, especialmente para mim: quizemos profundar o caso.

— 'Muito me conta, Sr. patrão! Com que isto de ser Alfageme, parece-lhe que é coisa de?...'

— 'Parece-me o que é, e o que hade parecer a

todo o mundo. E alguma coisa sabemos, ca no Cartaxo, do que vai por elle. O verdadeiro Alfageme diz que era um espadeiro ou armeiro, cutileiro ou coisa que o valha, na Ribeira de Santarem; e que foi um homem capaz, e que tinha pelo povo, e que não queria saber de partidos, e que dizia elle: 'Rei que nos inforque, e papa que nos excommungue, nunca hade faltar. Assim, deixar os outros brigar, trabalhemos nós e ganhemos a nossa vida.' Mas que extrangeiros que não queria, que ésta terra que era nossa e co'a nossa gente se devia de governar. E mais coisas assim: e que por fim o deram por traidor e lhe tiraram quanto tinha.—Mas que lhe valeu o Condestavel e o não deixou arrazar, por que era homem de bem e fidalgo ás direitas. Pois não é assim que foi?'

—'É, sim, meu amigo. Mas então d'ahi?'

—'Então d'ahi o que se tira, é que quando havia fidalgos como o sancto Condestavel tambem havia Alfagemes como o de Santarem. E mais nada.

—'Perfeitamente. Mas porque chamaram ao mestre P. o Alfageme do Cartacho?'

—'Eu lhe digo aos senhores: o homem nem era assim nem era assado. Fallava bem, tinha sua labia com o povo. D'ahi fez-se juiz, pôs por ahi suas coisas a direito—Deus sabe as que elle intortou tambem!... ganhou nome no povo, e agora faz d'elle o que quer. Se lhe der sempre para bem, bom será.—Os senhores não tomam nada?'

O bom do homem visivelmente não queria fallar mais: e não deviamos importuná-lo. Fizemos o sacrificio de bom número de limões que expremêmos em profundas taças—vulgo, copos de canada—e com agua e assucar, offerecemos as devidas libações ao genio do logar.

Infelizmente o sacrificio não foi de todo incruento. Muitas hecatombes de myrmidões cahiram no holocausto, e lhe deram um cheiro e sabor que não sei se agradou á divindade, mas que injoou terrivelmente aos sacerdotes.

Sahimos a visitar o nosso bom amigo, o velho D., a honra e a alegria do Ribatejo. Ja elle sabía da nossa chegada, e vinha no caminho para nos abraçar.

Fomos dar junctos, uma volta pela terra.

É das povoações mais bonitas de Portugal, o Cartaxo, aceada, alegre; parece o bairro suburbano de uma cidade.

Não ha aqui monumentos, não ha historia antiga: a terra é nova, e a sua prosperidade e crescimento datam de trinta ou quarenta annos desde que o seu vinho começou a ter fama. Ja descahida do que foi, pela estagnação d'aquelle commercio, ainda é comtudo a melhor coisa da Borda-d'agua.

Não tem historia antiga, disse; mas tem-n'a moderna e importantissima.

Que memorias aqui não ficaram da guerra peninsular! Que espantosas borracheiras aqui não tomaram os mais famosos generaes, os mais distinctos militares da nossa *antiga e fiel* alliada, que ainda então, ao menos, nos bebia o vinho!

Hoje nem isso!... hoje bebe a jacobina zurrapa de Bordeos, e as acerbas limonadas de Borgonha. Quem tal diria da conservativa Albion! Como póde uma leal goella britannica, rascada pelos acidos anarchicos d'aquellas vinagretas francezas, intoar devidamente o God-save-the-King em um *toast* nacional! Como, sem Porto ou Madeira, sem Lisboa, sem Cartaxo, ousa um subdito britannico erguer a voz, n'aquella harmoniosa desafinação insular que lhe é propria e que faz parte de seu respeitavel character nacional—faz; não se riam: o inglez não canta senão quando bebe... alias quando está BEBIDO. *Nisi potus ad arma ruisse*. Inverta: *Nisi potus in cantum prorumpisse...* Mas como hade elle, digo, erguer a voz n'aquelle sublime e tremendo hymno popular Rulle, Britannia!

Bebei, bebei bem zurrapa franceza, meus amigos inglezes; bebei, bebei a pêso de oiro, essas limonadas dos burgraves e margraves de Allemanha; chamae-lhe, para vos illudir, chamae-lhe *hoc*, chamae-lhe *hic*, chamae-lhe o *hic hæc hoc* todo, se vos dá gôsto... que em poucos annos veremos o estado de *accetato* a que hade ficar reduzido o vosso character nacional.

Oh gente cega a quem Deus quer perder! pois não vêdes que não sois nada sem nós, que sem o nosso alchool, d'onde vos vinha espirito, sciencia, valor, ides cahir infallivelmente na antiga e priguiçosa rudeza saxonia!

D'essas traidoras praias da França donde vos vai hoje o veneno corrosivo da vossa idole e da vossa fôrça, não tardará que tambem vos chegue outro Guilherme bastardo que vos conquiste e vos castigue, que vos faça arrepender, mas tarde, do criminoso êrro que hoje commetteis, ó insulares sem fé, em abandonar a nossa alliança. A nossa alliança sim, a nossa poderosa alliança, sem a qual não sois nada.

O que é um inglez sem Porto ou Madeira... sem Carcavellos ou Cartaxo?

7 * *

Que se inspirasse Shakspeare com Lafitte, Milton com Chateaumargot — o chanceller Bacon que se diluisse no melhor Borgonha — e veriamos os acidulos versinhos. os destemperados raciocininhos que faziam.

Com todas as suas dietas, Newton nunca se lembrou de beber Jhoannisberg; Byron antes beberia *gin*, antes agua do Thamisa, ou do Pamiso, do que essas escorreduras das areias de Bordeos.

Tirae-lhe o Porto aos vossos almirantes, e ninguem mais teme que torneis a ter outro Nelson. Entra nos planos do principe de Joinville fazer-vos beber da sua zurrapa: são tantos pontos de partido que lhe dais no seu jôgo.

É Mr. Guizot quem perde a Inglaterra com a sua alliança; e tambem perde o Cartaxo. Por isso eu ja não quero nada com os doutrinarios.

. . . .

Ha dôze annos tornou o Cartaxo a figurar conspicuamente na historia de Portugal. Aqui, nas longas e terriveis luctas da última guerra de *successão*, esteve muitas vezes o quartel-general do marquez de Saldanha.

Alguns dythirambos se fizeram; alguns echos das antigas canções bachicas do tempo da guerra peninsular ainda accordaram ao som dos hymnos constitucionaes.

Mas o systema liberal, tirada a epocha das eleições, não é grande coisa para a indústria vinhateira, dizem. Eu não o creio porém: e tenho minhas boas razões, que ficam para outra vez.

(Continúa.)

A. G.

MEMORIA SOBRE TOPOGRAPHIA PORTUGUEZA. (1)

91 Até aqui havemos mencionado as cartas do reino vizinho, e especializado as que abrangiam o nosso Portugal. Fallaremos agora das que nos são exclusivas. Ja acima nos referimos á memoria do sr. *Folque*, e so de passagem accrescentaremos que a base medida pelo Sr. *Ciera* para a triangulação do reino teve logar entre Monte-Redondo e a serra de Buarcos, além do Mondego, na extensão de 14,976 braças: que os angulos foram medidos com um circulo de *Borda*; e que houve uma segunda base de verificação na esquerda do Tejo entre o Montijo e Batel na extensão de 4,785 braças. Dos trabalhos então feitos se gravou uma chapa, que ainda existe (segundo nos informam) sem ter servido, no nosso archivo militar, mas os inglezes, por um qualquer meio houveram conhecimento d'elles, e os gravaram e publicaram em Londres, acreditâmos que pelo anno de 1803.

1 Conclue de pag. 70.

CARTAS ESPECIAES DE PORTUGAL.

33 — A Carta militar das principaes estradas de Portugal tirada da de *Lopes*, pelo então capitão de ingenheiros *L. H. da Cunha d'Eça*, em 1810. N'este genero é muito soffrivel, mas não geralmente exacta, e sobretudo no contorno da costa, direcção de rios etc.

34 — Carta (ingleza) dos reinos de Portugal e Algarve por *Lodge*. É copia da de *Zannoni*, incorrecta, e sem data. Indica várias sondas ao longo da costa. *Zannoni* é auctor de muitas cartas, e sobretudo de uma assaz boa do reino de Napoles; mas decerto lhe devia sahir mau edificio escaceando-lhe os materiaes.

35 — Dita, geographica de Portugal, construida segundo a última divisão militar, administrativa e judicial — Lisboa, 1837. Foi redigida no nosso archivo militar, e lithographada pelo sr. capitão engenheiro *Antonio José d'Abreu*, que so publicou das duas folhas a que abrange o Alemtejo e o Algarve.

36 — Carta do reino de Portugal por *Lopes*. Posto que sem data, parece haver sido gravada em 1809 ou 10. Marca as distancias de logar a logar, e as horas do transito. Segundo alli se diz, parece serem éstas tiradas das tabellas do padre *João Baptista de Castro*, no seu mappa de Portugal.

37 — Carta corographica de Portugal pelo major *Joaquim Pedro Cardoso Casado Giraldes*. Gravada em Pariz por *Colin*, sem data e em pequenissima escala: anda annexa á sua estatistica, historico-geographica d'este reino.

38 — Dita (ingleza) de Portugal pela Sociedade da propagação dos conhecimentos uteis, e tirada da de *Lapié, Lopes, Lamotte e Antillon*: publicada por *Baldwin e Cradock*, em novembro de 1831. É em escala mui diminuta, e as lettras da sua nomenclatura quasi microscopicas.

39 — Dita (tambem ingleza) de *Jeffery* em seis folhas na escala de $\frac{1}{144400}$ publicada em Londres por *W. Faden* em 1790. É mediocre, pobre de detalhos, e fundada em antigos materiaes. Consta-nos haver outra edição, que não vimos.

40 — Dita (tambem ingleza) de *Faden*, uma folha na escala de $\frac{1}{190900}$ muito insufficiente.

41 — Mappa dos caminhos de Portugal (inglez) em duas folhas, sem escala nem gradação: publicado em 1811 por *Arrowsmith*, e revisto em 1812 por *James Cratwell*, tenente do regimento 83.

42 — As duas provincias do Minho e Traz-os-Montes, pelo Sr. *J. F. Guimarães*. Citado por mr. *Bonnet*: não temos entre nós incontrado vestigios d'esta carta.

43 — A de Traz-os-Montes pelo Sr. *J. J. Freitas Coelho*. Foi tirada da de *Lopes* com pequenos accrescentamentos, resultantes da experiencia.

44 — Carta d'entre o Doiro e o Vouga pelo general de ingenheiros *Sousa Ramos*.

45 — Differentes porções da Beira (inedita) pelo Sr. *Agostinho Albano da Silveira Pinto*, quando unido ao estado-maior de Lord Wellington. Consta-nos que ésta carta fôra d'entre o Doiro e o Mondego, escala de quatro polegadas por legua, com referencia aos trabalhos feitos pelo Sr. Ciera, e seguindo o systema topographico e descriptivo adoptado pelos officiaes do estado-maior inglez. Todavia não se publicou, e tendo sido franqueada a alguem para fins militares, so ignora hoje em que mãos pára. O Sr. *Silveira Pinto*

fez differentes outros trabalhos ao sul do Mondego, e provincia do Alemtejo.

46 — O pinhal de Leiria pelo brigadeiro de ingenheiros J. *P. Pereira*. (in.)

47 — O mesmo pinhal, de novo levantado pelos Srs. segundos-tenentes da armada *Batalha e Silva*, publicado, ja reduzido, nos annaes maritimos e coloniaes, 1843; sendo o original na escala de $\frac{1}{20000}$ desenhada a cores segundo o novo systema de *Perault*.

48 — Parte da Extremadura ao norte de Lisboa, pelos generaes *Caula e Neves Costa*, ambos de ingenheiros (in.)

49 — A porção de terreno entre Cassilhas e Trafaria, pelo Sr. brigadeiro *Pedro Celestino Soares* (in.)

50 — O reino do Algarve pelo Sr. coronel *José Carlos de Figueiredo*, e tenente-coronel *Arbués Moreira*. Levantada por ordem do *conde de Barbacena*, por occasião do reconhecimento militar d'aquelle paiz: existe no archivo militar, d'onde o copiou o Sr. capitão de artilheria *José Marcellino da Costa Monteiro* para ser, como foi, junto á corographia d'aquelle reino, pelo Sr. *J. B. da Silva Lopes*.

51 — Carta hydrographica de toda a costa de Portugal, levantada em 1811 pelo Sr. coronel *Franzini*, que foi reproduzida em 1816 pelo archivo da marinha franceza, mas reduzida á escala de $\frac{1}{700000}$. É a mais bem executada d'este genero, e revela muitos erros da de *Tofino*.

52 — Em 1803 se levantou uma carta da fronteira, entre o Tejo e Arronches, pelo conde de *Chambors*, e o Sr. *Neves Costa*, por ordem do *marquez de la Rosiére*, que este parece ter feito ir para França. — Tambem da fronteira do Alemtejo ha uma carta levantada pelo *marquez de Ternay*, e que deve existir no archivo da 7.ª divisão militar em Extremoz (in.)

53 — Ha outros reconhecimentos feitos nas proximidades da serra d'Estrella e Beira-Alta, por ordem: uns do *principe de Walde*, e outros pelas do *marquez de Alorna* e *conde de Viomenil*, que acreditâmos terem sido executados pelos Srs. *Blumstein*, *Mirmont*, e *Wiederholtz*, officiaes ao nosso serviço. Ignorâmos que sorte tiveram.

54 — Ha uma carta inedita do terreno entre Trancozo, Lamego e Vizeu, construida por M. *Bufay* por ordem do *marquez de la Rosiere*. Existe no archivo militar, e é digna de ser consultada.

55 — Carta topographica da peninsula de Setubal, levantada em 1817 a 20 pelo Sr. *Neves Costa* por ordem do marechal *Beresford*.

56 — Uma bellissima carta da cidade de Lisboa e sitio de Belem, levantada por um official ás ordens do duque de *Wellington*.

57 — Outra do mesmo terreno e em maior escala, levantada pelo Sr. brigadeiro *D. J. Fava*, em 1807, rectificada por seu filho o Sr. tenente-coronel J. *B. de Sousa Fava*, e publicada em 1833. — D'esta existe uma reducção em 2 folhas feita no archivo militar pelo Sr. coronel de ingenheiros *J. J. Ferreira de Sousa*, ja gravada. — Havia outra do anno de 1800, pequena e incorrecta; e em 1843 o Sr. *Vidal* acabou e publicou outra com as recentes alterações acontecidas na cidade, porém sem elegancia, e de muito imperfeito desenho. É a que se encontra á venda nos principaes livreiros.

58 — Mappa do districto vinhateiro do Doiro, offerecido a Sua Magestade, por *James Forster*. É magnifico, bem gravado, e asseveram-nos que muito exacto. A parte orographica e topographica são completas. Foi gravado em Londres por mr. *Wyld*, em 1843.

59 — Planta da cidade do Porto, 1841, em grande escala com todas as modernas alterações e acrescentamentos. É soffrivelmente desenhada, e não tem nome de auctor.

60 — Dita das linhas defensivas e offensivas do Porto em 1832, pelo Sr. coronel de ingenheiros *Arbués Moreira*. — Ha tambem outra planta das linhas de Lisboa em 1833, (in.) levantada pelo Sr. major ingenheiro *Pires*.

61 — Carta militar (ingleza) do paiz entre Lisboa e Vimeiro, occupado pelo exercito inglez do commando de lord *Wellington*; publicada com licença do quartel-mestre general por *James Wyld* em janeiro de 1827.

62 — Carta corographica dos arredores de Lisboa, levantada sob a direcção de *Carlos Picquet* por *Guerin de Lamotte*, segundo as operações trignometricas do sr. *Cièra*, e os trabalhos dos ingenheiros portuguezes e francezes. — Paris, 1821. É a melhor d'este terreno posto que não exempta de erros. Chamam-lhe do Sr. *Verdier* — sob cuja influencia parece ter ella apparecido. É na escala de $\frac{1}{100000}$

63 — Mappa d'entre Doiro e Minho, feito por ordem do Sr. *Nicolau Trant*, 1813. É a mais procurada d'aquelle districto; e reducção da carta geral do Minho pelo sr. *Custodio Gomes Villas-boas*, a qual existe no archivo.

64 — Carta do rio Doiro (em parte) levantada pelo sr. *Luiz Gomes de Carvalho* para o seu incanamento; anda juncto ás memorias da academia.

65 — Carta lithographada da provincia do Minho por *J. B. P.*, 1832. Mal desenhada, mas em boa escala, não é de todo má na parte topografica.

66 — Dita da porção de Portugal entre o Zezere e o Tejo, para servir á intelligencia da campanha de 1807, levantada pelo chefe do batalhão *J. M. Carvalho*, sob as vistas do general *Foy* para a historia da guerra peninsular, a cuja obra anda juncta. É boa.

67 — Os arredores de Lisboa (ingleza) arranjada pela Sociedade da propagação dos conhecimentos uteis. Desenhada por *W. B. Clarke*, e publicada por *Balwin e Cradock*. É muito curiosa, posto que em pequena escala.

68 — Planta da cidade do Porto e seus suburbios, por *J. Wyld*, 1832. Não é exacta.

69 — Das *Linhas de Torres Vedras*, ha uma carta levantada pelo sr. *L. H. da Cunha d'Eça* — outra, bem como das de Almada, pelo sr. coronel ingenheiro *Brandão e Souza* — outra que anda annexa á obra publicada pelo coronel *João Jones* — finalmente a de M. *Wyld*, fazendo parte do seu atlas acima mencionado.

70 — *João Silverio Carpineti* offereceu ao marquez de Pombal as cartas especiaes de cada uma das nossas provincias, e uma do patriarchado, que serviram de base á de *Faden*; são imperfeitas e erradas, e posto que o seu intento fosse a correcção dos trabalhos anteriores, de sorte que só na Beira emendasse 200 logares, todavia nas outras provincias, elle proprio confessa haver pouco feito, pelo desincontro das informações que obtinha. Nenhum trabalho geometrico

influiu n'esta edição, mas apenas as noticias de particulares sôbre as distancias relativas, sendo alias as nossas itenerarias tão desiguaes e incertas.

71 — Ha muitas cartas da peninsula em uma folha, fazendo parte dos differentes atlas geographicos. Os melhores de todos estes são os de *Brué e Lapi*.

72 — Consta-nos haver inedita, mas bem acabada, uma planta de Coimbra e seus contornos, levantada por um estudante da faculdade de mathematica. São dignas de se consultar as cartas annexas ás memorias do marechal *Suchet*; as do general *Saint-Cyr*, na Catalunha; e a do cavalheiro *Vauni* na sua historia da legião italiana na Hispanha, bem como a dos Pyrineus que vem no atlas da historia das guerras da Revolução, do general *Jomini*.

As obras de Laborde — Balbi — Maltbrun — Bory de Saint-Vincent — Burgoing — Thowsend — David — Pouz — Antillon — Campomano — Casado-Giraldes — Epinalty — Ganda — Mimano — J. B. de Castro etc. dão muitos detalhos, que podem esclarecer, e ampliar os das differentes cartas. Cumpre todavia acompanhal-os de alguma critica, porque a mordacidade e a liberdade poetica, senão tambem a muita ligeireza no tomar noticias, convertem repetidas vezes em charlatães os que se inculcam nossos illustrados visitantes.

Não tendo sido possivel alcançar todas as cartas a que nos referimos houvemos de nos reportar a algumas noticias alheias. Esperâmos pois que se nos releve qualquer inexactidão que appareça n'este nosso ligeiro e succinto trabalho, e que este seja corrigido com todos os demais esclarecimentos que se possam ministrar sôbre a materia, que é alias de grave importancia especialmente em quanto não virmos concluida a carta para que se tomam efficazes medidas.

A. Xavier Palmeirim.

BIBLIOGRAPHIA.

NOÇÕES ELEMENTARES DE ONTOLOGIA, PSYCHOLOGIA RACIONAL E THEODICEA, ou a metaphysica de Genuense reformada por *M. Pinheiro de A. A.* professor de philosophia no Lyceu-nacional de Braga. — Porto — 1845.

92 O Sr. M. Pinheiro de A. A., proseguindo na ardua mas utilissima empreza que o seu zêlo pelo desinvolvimento dos estudos philosophicos no nosso paiz lhe fizera encetar, acaba de tirar a lume a obra acima indicada, com a qual se torna cada vez mais acredor dos elogios e reconhecimento de todos aquelles que desejam ver facilitados os meios de uma instrucção solida e em harmonia com o estado das sciencias entre as nações que as cultivam com maior ardor e proveito. Com as *Noções elementares de psychologia e Ideologia*, publicadas em 1833, o benemerito professor de philosophia do Lyceu de Braga brindára os seus collegas no magisterio de tão importante disciplina, e a todos os cultores d'ella, com um tractado breve, mas profundamente meditado, no qual seguindo o rasto luminoso do grande ideologo Lamorcière, corrigiu numerosos erros, e ampliou não poucas doutrinas da logica de Antonio Genovesi, conhecido entre nós pelo appellidado de *Genuense*. Não faltará quem apezar d'aquellas emendas e addicianamentos anhele por ver adoptado pela nossa Universidade, para o ensino da logica, outro compendio que offereça á estudiosa mocidade portugueza utilidade mais directa e positiva que a de simplesmente *preserva-la do tenebroso barbarismo dos heraclitos de Allemanha, e da brilhante phantasmagoria dos de França*. (1) Emquanto porém os sabios que compoem o nosso areopago academico não julgam ter chegado o momento de tomar a este respeito uma providencia decisiva, as instituições logicas do distincto economista italiano, acompanhadas do interessante opusculo do Sr. Pinheiro poderão continuar a desempenhar muito melhor do que antes, o importante ministerio de iniciar nos prodromos da philosophia os mancebos que, ou pertendem cursar estudos maiores, ou se destinam a qualquer das carreiras liberaes. O mesmo muito valioso serviço ficam agora devendo ao eximio professor Bracharense, elles, e todos os amigos dos bons estudos, pelo que respeita a tres outras partes d'aquella nobilissima entre as sciencias, a ontologia, psycologia racional, e theodicea, em cujas *noções elementares* (como elle modestamente as intitula) o sr. M. Pinheiro sem perder totalmente de vista as *instituições* que adoptou como base do seu trabalho, procede com mais desafogo e independencia. Comeffeito, principalmente n'esta segunda lucubração, os criticos mais difficeis de contentar incontrarão a par de uma razoavel abastança de doutrina solida, e eminentemente util, boa deducção, e methodo appropriado á capacidade juvenil, qualidades essenciaes em escriptos de similhante natureza.

As definições pertencentes á ontologia, que rapidamente corremos pelos olhos, pareceram-nos boas em geral, algumas subtis e profundas, taes que nos fizeram lembrar as que se incontram na metaphysica de Sigismund Sterchnau, auctor que apezar do seu estilo arido, e resaibiado do pedantismo da eschola, lamentâmos que não seja tão conhecido em Portugal como o é na Italia, na Belgica e na Allemanha.

As muitas e extensas notas que acompanham quasi perpetuamente o texto da obra, contém doutrina importantissima, e quasi sempre absolutamente indispensavel para o cabal conhecimento da materia que são distinadas a dilucidar. No nosso humilde intender fôra mais conveniente incorporar o seu conteudo no texto, ou accrescental-as a elle como corollarios ou comο escholios, mas que fizessem parte integrante do artigo ou paragrapho correspondente. Não somos de opinião que se houvesse de ressuscitar o methodo dos escholasticos, seguido até pelo *doutor Angelico*, de refutar as objecções antes de expender os argumentos directos que provam a verdade de cada these que se estabele; mas por outra parte é fóra de toda a duvida, que não se deve considerar como plenamente demonstrada uma proposição sem que se satisfaça ás objecções que contra ella militam, principalmente quando a materia é implexa, e os argumentos allegados pelos adversarios são especiosos e mais faceis de comprehender que os que fazem em favor da these estabelecida. Prevejo que a ésta observação se responderá naturalmente, que nada mais facil do que fazer desapparecer a linha de demarcação entre o texto e as notas, obrigando os estudantes a aprenderem a continencia d'estas conjunctamente com a d'aquelle, e que assim a solução das objecções não lhes ficará sendo menos conhecida do que as provas directas de qualquer these. Poderiamos replicar, que por isso mesmo, a separação a que alludimos se convence de desnecessaria. Em todo o caso porém o reparo é tão insignificante que talvez ja com elle nos hajamos demorado mais do que deveramos.

As theses de vital importancia, taes como as concergentes á immaterialidade e immortalidade da alma, e á existencia de Deus, acham-se provadas com argumentos concludentes, e não lhes mingúa sufficiente desinvolvimento. A demonstração da liberdade da alma humana por ninguem será tractada de deficiente; pelo contrario alguem haverá que a repute prolixa, fundando-se em que a volição livre é um facto, que se póde observar, e consta pelo senso intimo, e os factos não se demonstram propriamente fallando, mostram-se, reduzindo-se tudo o que a este respeito podêmos e devemos fazer, a convidar e fixar a attenção d'aquelles a quem nos dirigimos sôbre o phenomeno de que se tracta. Apezar porém das ponderações d'estes psychologos, alias profundos pensadores, não queremos mal ao nosso por essa a que possam chamar superfluidade; a importancia moral, social, e religiosa, da firme crença na li-

(1) Unico merecimento do Compendio de Genuense no juizo competentissimo de um dos maiores sabios da epocha actual, o nosso preclarisimo compatriota, o sr. S. Pinheiro Ferreira.

berdade da alma (liberdade de *indifferença*, e não simplesmente de *coacção*) é tamanha, que não deve lamentar-se que se gaste tempo em expender, para radical-a nos animos de todos, razões superabundantes. No capitulo sôbre os attributos de Deus achâmos a mesma doutrina luminosa, não menos conforme com os dogmas da religião revelada, que com os dictames da recta razão: o que notâmos, não porque entre uma e outra possa haver opposição, mas porque nem em todos os escriptores philosophos modernos se patenteia sôbre este assumpto tão perfeita e evidente conformidade.

Em quanto á conciliação da existencia do *mal*, principalmente do *mal moral*, com a bondade divina, desejáramos que o nosso auctor tivesse sido mais explicito e extenso, bem que realmente elle não haja omittido o que fere mais directamente no alvo, podendo assim haver-se como sufficiente o que disse para fundamentar as suas conclusões.

Move-nos a exprimir este desejo a consideração de que as difficuldades que se incontram na explicação da *origem do mal*, —a que os discipulos de Zoroastro pertenderam occorrer com o seu absurdo *dualismo*, adoptado nos primeiros seculos da igreja pelos manicheus, ainda hoje são reproduzidas com tom de triumphal segurança pelos inimigos do Christianismo. E' tanto mais necessario, no nosso intender, o espraiar um pouco no exame e refutação de taes objecções em um ensaio de *Theodicea*, por isso que a composição mesma d'esta palavra substituida primeiramente por Leibnitz (se nos não inganâmos) á denominação de *Theologia natural* precedentemente usada, indica, que o principal escopo d'ella é demonstrar a *justiça divina*, para o que cumpre concilial-a com a existencia dos males physicos, e particularmente com a dos males moraes. Repetimos que tão pouco neste ponto achâmos deficiente o compendio do sr. M. Pinheiro; mas que so teriamos folgado de tractar mais extensamente assumpto de tanto momento por quem é tão capaz de profundal-o magistralmente, e como certamente o fará nas suas prelecções oraes.

O verdadeiro talento é sempre benigno e indulgente; permitta-nos pois o eximio philosopho Braccharense, que lhe roguemos que em outra edição se sirva explicar, para melhor intelligencia dos menos versados nas concepções abstractas, uma sua nota a *pag.* 40, onde depois de desinvolver com a sua costumada profundidade e subtileza a noção do *infinito*, accrescenta: «*Este infinito é a substancia universal, o ente absoluto e necessario, que se manifesta á razão pelas tres ideas do verdadeiro, do bom, e do bello absoluto, desinvolvidas pela abstracção dos phenomenos sensiveis, com que a principio se acham confundidas.*» Estamos infinitamente longe de suscitar em menoscabo do sr. M. Pinheiro as vagas e infundadas suspeitas de *pantheismo*, com que alguns criticos ignorantes ou malevolos tem pertendido desacreditar a moderna eschola ecclectica franceza, e a M. Cousin um de seus mais distinctos corypheus: o nosso pedido não tem outra mira, que não seja evitar o perigo de uma desfavoravel interpretação da parte dos que so perfunctoriamente lerem a dita nota.

Pelo mais, estamos tão certos da perfeita orthodoxia do auctor, tanto sôbre este como sôbre todos os outros pontos de doutrina, que damos sincero parabem ao nosso paiz, ao ver encarregado do magisterio philosophico em uma cidade tão importante como Braga, e devendo ex rcer pelos seus escriptos grande influencia sôbre a mocidade estudiosa de todo o reino, um sabio que professa e propaga não uma sciencia van, estribada em fallazes sophismas, senão uma doutrina pura, derivada das luzes de uma razão recta, e desassombrada de mesquinhas e iniquas prevenções, contribuindo d'este modo para estreitar cada vez mais entre nós os laços de uma sincera alliança entre a religião e a philosophia, ambas filhas do ceu, ambas fecundas em bens preciosos, quando cada uma d'ellas se conserva dentro dos limites do seu respectivo dominio.

E...

EPICOS BRAZILEIROS — Nova edição — 1845. — O Sr. F. A. de Varnhagen acaba de publicar com este titulo uma elegante edição dos dois poemas: o *Uraguay* e *Caramurú*, n'um só volume, nitidamente impresso na 'Typographia nacional,' e acompanhado d'algumas noticias e notas muito interessantes.

Os AA. d'estes dois poemas foram, como todos sabem, nascidos no Brazil, e o zelo do illustre editor, ja de todos conhecido e assaz comprovado, pela litteratura d'aquelle rico imperio, não lhe permittiu olhar com indifferença para dois poetas tão distinctos, que apezar de tres edições, tinham sempre sahido á luz com circumstancias de desar, e imperfeições de que era justo, e mesmo de esperar que a critica illustrada do Sr. Varnhagen os devesse expurgar. A presente edição é pois um serviço importante feito ás lettras brazilicas, que não póde deixar de ser lamuito apreciado, como aqui estimado, e em toda a parte bemquisto.

ERRATAS.

Pag. 66, col. 1.ª l. 4. — discepções — *disceptações* — dita pag., dita col. l. 23. — paganismo, — *paganismo* — dita pag., dita col. l. 42 — querer — *crer* — pag. 67, col. 2.ª l. 7 — Crusta — *Crusca.*

VARIEDADES.

D. FR. AMADOR ARRAES.

COMMEMORAÇÃO — 1.º D'AGOSTO DE 1600.

93 D. Fr. Amador Arraes foi varão benemerito das lettras e da humanidade, e honra da igreja lusitana.

Natural de Beja, religioso do Carmo, doutor pela universidade de Coimbra e lente de theologia no mosteiro de Santa-Cruz da mesma cidade, foi pelas suas boas partes elevado ás dignidades de prégador regio, bispo coadjuctor do cardeal infante D. Henrique no arcebispado d'Evora, esmoller-mór, e ultimamente bispo de Portalegre.

Entre as muitas e mui virtuosas acções com que illustrou o seu govêrno n'esta diocese foi uma d'ellas remir os seus diocesanos que na jornada d'Africa haviam ficado captivos. Desejoso porém de voltar á sua cella, renunciou o bispado com a reserva de uma congrua, e recolheu-se ao seu convento de Coimbra, onde acabou em grande opinião de virtude, no dia que commemorâmos.

Em quanto ao livro de *dialogos*, que debaixo do seu nome corre impresso, assaz conhecido e estimado é elle para que seja necessario mais larga noticia.

***

IRMANS DA CHARIDADE.

94 O sr. rei D. João VI, por decreto datado do Rio-de-Janeiro em 14 d'abril de 1819, concedeu a necessaria licença para se estabelecerem em Lisboa as 'irmans da charidade,' e as côrtes da nação, reunidas na mesma cidade, applaudiram em 1821 tão util providencia; e deram para casa de habitação das novas filhas de S. Vicente de Paulo o hospicio que havia sido dos religiosos carmelitas do Ultramar.

Aquelles anjos da terra existem desde então entre nós; e teem feito á humanidade relevantissimos serviços, como é público e notorio: porém não teem deixado de soffrer custosas privações e penosas contrariedades.

O sr. actual Patriarcha, apenas começou a pastorear o rebanho que a Providencia lhe confiára, tractou de tomar conhecimento do estado em que se achava tão importante estabelecimento: exonerou o superior, substituiu-o dignamente; e seguiram-se a ésta outras medidas, que a prudencia aconselhava e a necessidade prescrevia.

Algumas 'irmans' que com a maior injustiça haviam sido expulsas, foram logo chamadas e admittidas. Outras, que immediatamente se não apresentaram, sem dúvida ainda o serão. E sabe-se que se projectam melhoramentos que hãode fazer que as 'irmans da charidade' em Portugal em nada cedam áquel-

las que ha mais de dois seculos teem feito, e estão fazendo, a admiração do mundo.

Ellas até agora não podiam estender-se além de Lisboa; mas o govêrno de Sua Magestade, por decreto de 9 do corrente mez, permittiu que se estabelecessem egualmente no Porto; e tudo ahi está prompto para as receber: o que principalmente se deve á Madame Le Gras dos nossos tempos, a sr.ª D. Maria Meclina Pereira Pinto que, hasteando a bandeira da charidade, teve a satisfação de vêr reunido em torno d'ella tudo quanto o Porto tinha de mais respeitavel.

Entre as pessoas que muito a teem auxiliado n'esta empresa nomearei apenas duas: o sr. Bispo da Diocese, e o sr. Arcediago Wanzeller. E não darei uma relação geral d'ellas porque não estando habilitado para a fazer completa, receio que seja mal interpretada qualquer omissão que haja.

Oh quanto pódem os esforços humanos quando são inspirados pela religião, e animados por aquella virtude, sem a qual, segundo a expressão de S. Paulo, será nada aquelle mesmo que tiver o dom da prophecia, o podêr de transportar montanhas, e o que fallar todas as linguas dos homens e dos anjos!

Vai pois o Porto, que ja possue tantos asylos para a infermidade e para a desgraça, possuir mais um; o melhor de todos, aquelle que tem sido admirado em todos os paizes, respeitado por todas as revoluções, e que tem resistido a todas as tempestades.

Oxalá que as bellas portuenses, tão religiosas, tão charitativas, tão abundantemente dotadas das prendas que fazem o ornamento do seu sexo, se não limitem a abrir suas mãos generosas em favor de tão piedosa e tão util instituição, mas se resolvam a alistar-se n'ella, as que estiverem em circumstancias de o podêr fazer. Em outras partes, na França e na Italia especialmente, pessoas riquissimas, senhoras da mais distincta nobreza, princezas mesmo, teem trocado os brocados de oiro, o esplendor do luxo, os regalos da opulencia, pelo modesto avental, pelas obscuras fadigas das servas dos pobres, das filhas humildes de S. Vicente. E porque não acontecerá outro tanto entre nós?

***

CORREIO EXTRANGEIRO.

95 Á 'sociedade asiatica de Londres' foi apresentada a raiz d'uma planta da India que possue a propriedade da phosphorescencia. Esta raiz, apezar de morta e inteiramente sêcca, tendo sido cortada em bocadinhos e posta em cima de um panno molhado luziu ás escuras como um bocado de phosphoro.

A planta phosphorescente ainda que é olhada como recentemente descoberta, comtudo ja era conhecida dos brahmines, e acha-se nos Jongles aope das alturas do districto de Madura.

Publicam-se em Londres dois jornaes de caricturas, o *Punch* e o *Great Gund* —o 'Polichenella' e a 'Peça grande.' A origem do *Punch* ja é antiga, mas o da 'Peça grande' tem poucos mezes de existencia. Os dois jornaes sahem uma vez cada semana com os seus chistes, e maliciosos ditos. O que distingue as caricaturas inglezas é a picante originalidade das attitudes particulares, mas o complexo não vale nada. As figuras são de desenho correcto e o ridiculo é bem apanhado; quando se trata porém de grupar as figuras, de representar uma acção multipla, as caricaturas inglezas não passam nunca do grotesco. Um dos ultimos n.os do *Punch* põe o seguinte dito na bocca da rainha Victoria, na occasião da sua visita ás novas fontes de repucho de *Trafalgar-square*: parece que éstas fontes são de muito máu gosto, e teem merecido as criticas pelo lado da arte. No dia da real visita tinha-se augmentado a força de própulsão e a agua repuchava a grande altura: perguntou-se com interesse á rainha o que pensava s. m. de tão bello resultado? Segundo o *Punch* a rainha respondeu: «Com effeito nunca julguei que uma semsaboria podesse subir tão alto.»

Infelizmente nem isto nós podêmos dizer do nosso repucho do 'Passeio publico.'

Parece-me curioso conhecer a natureza das relações periodicas que a Inglaterra tem por via do vapor com a mais importante de suas possessões. Duas grandes linhas de barcos de vapor communicam a India com a Inglaterra. Uma pertence á Companhia, e navega de Bombaim até Suez em vinte dias: compõem-se de 14 barcos. A outra pertence a uma Companhia de Londres; navega de Calcuttá até Suez, em 16 dias, e compõem-se de 2 barcos. Em Suez são as malas transmittidas aos vapores da Companhia-peninsular que as levam a Southampton em 18 ou 20 dias: de sorte que em 40 dias, o mais tardar ha na Inglaterra noticias da India. Vasco da Gama em 1498 gastou 6 mezes de Lisboa a Calcutá pelo cabo da Boa-Esperança. Em 1600 gastavam-se 3 a 4 mezes por este mesmo caminho. Em 1785 começou a carreira pelo Egypto, e gastava-se 70 a 75 dias: agora gasta-se so 40 e ha todas as esperanças de os reduzir a 30.

Entre as reformas á europea que o divan tem adoptado, as de maior importancia, n'este momento, são a policia com todo o seu cortejo de agentes publicos e secretos, e a instituição da censura. Não se intende bem em que se poderá exercer a censura na Turquia. O numero dos jornaes em lingua ottomana reduz-se a dois: o *jornal official* e o *Dcheridei hawadis*. Contam-se mais cinco folhas periodicas impressas em Constantinopla, tres em francez, uma em grego, e a outra em armenio. O *Dcheridei hawadis* (registro de novidades) é redigido por um inglez. A *Gazeta* é redigida por Said-Bey, antigo secretario d'estado; publica-se uma vez cada tres semanas, e não traz senão parte official e alguma anecdota muito semsabor do serralho.

Além dos muitos túnneis que será obrigado a atravessar o carril de ferro do Havre, incontrará em Barentin, proximo a Rouen, um monte muito alto formado de penedos que se não pódem furar nem destruir; n'este caso terá o comboi de subir uma ladeira muito ngreme, no que será ajudado por uma máchina de vapor sedentaria, porque a locomotiva so não seria bastante. A descida será feita so pelo pêso das carruagens, e assim mesmo a máchina que ajudou a subir o comboi o segurará na descida para que não seja demasiadamente violenta.

A secção de legislação do conselho d'Estado em França tem-se occupado n'estes últimos dias de um processo original. A cidade de Nantes erigiu um monumento ao general Cambrone, e foi auctorisada a fazer gravar n'este monumento aquellas memoraveis palavras, que uma tradição pupular lhe attribue, pronunciadas á frente d'um quadrado da guarda-imperial em Waterloo. *La gard meurt et ne se rend pas.* O conde e o barão Michel, filhos do general d'este nome morto n'essa batalha, apresentam-se a reclamar do rei a revogação d'aquelle decreto, provando que similhantes palavras são propriedade de seu pai. Reconhecida a justiça da reclamação assim mesmo o govêrno não deferiu satisfactoriamente; em consequencia vai este objecto ser tractado perante os tribunaes.

A 12 d'outubro de 1840 foi achado morto em Berlim um negociante, com todos os indicios de haver sido assassinado. O falecido tinha segurado a vida a favor da sua familia em 40.000 francos, que foram promptamente entregues. Descobre-se agora porém uma carta do morto dando parte a um amigo que o mau estado dos seus negocios o obrigava a suicidar-se, mas que o não quizera fazer sem deixar a sua familia feliz. (Como se sabe o suicicio annulla o *seguro* tirando a responsabilidade ao *segurador*). Dava depois as instrucções a este amigo sôbre o que devia fazer ao seu cadaver para que parecesse haver sido assassinado.

CORREIO NACIONAL.

96 A companhia do theatro da Rua-dos-Condes foi no dia 31 do passado representar a bella peça 'Madaglena' no theatro de San'Carlos. Era dia de galla, Suas Magestades estavam na tribuna real. Foram muito applaudidos alguns dos melhores lances d'aquelle drama popular, particularmente o fim do 4.° acto quando a sr.ª Emilia no maior transporte de amor materno se abraça com o filhinho que perdêra: a illustre actriz é realmente arrebatadora n'este logar. Nos intervallos do drama executaram-se algumas das peças de musica annunciadas para o concerto d'este dia: a mais applaudida, e com justiça, foram as variações de flauta tocadas pelo sr. Kroner.

Na freguezia do Lumiar vivia ditoso um par conjugal. Passada ja a quadra das fortes paixões, nem marido nem mulher sentiam mutuos ciumes, nem mesmo porventura se julgavam ja capazes de os poderem inspirar. Comtudo por um d'esses caprixos do coração que, póde ser com mais razão, se imputam sempre á cabeça: a metade femea abalou da casa conjugal na companhia de um trabalhador, talvez em busca da lua-de-mel que havia dois lustros lhe fugíra, e lá se foi por esse mundo de Christo com a roupa e o dinheiro do marido e os seus *quarenta e cinco annos* ás costas!

No fim do mez de julho ficaram existindo no Terreiro-publico 6,696 moios de trigo, 208 de cevada, 38 de milho, 23 de centeio. O trigo vendia-se de 340 a 560 réis, a cevada de 240 a 280 réis, o milho de 280 a 340 réis, e o centeio pelo preço da cevada.

No districto de Castello-Branco frequentam as escholas d'ensino primario e secundario, 2,755 alumnos. O avultado número de 1,213 é o augmento d'este anno, até hoje, sôbre o precedente. Os fogos d'este districto são 18,421, o que dá quasi um alumno por cada cinco fogos, ou porventura um por cada 20 habitantes; o que se não é completamente satisfatorio é jabastante agradavel.

A 'Alfandega das Sette-casas' rendeu 858:975$313 réis no anno economico de 1844—45.

A importação portugueza na cidade da Bahia em 1844 montou a 572:702$440 réis — moeda forte. A exportação d'este porto para Portugal e seus dominios, no mesmo anno, foi de 368:079$513 réis — moeda forte.

A 'Sociedade propagadora dos Conhecimentos-uteís' em liquidação, entregou 2$000 réis por acção, quota do 1.° rateio.

Le-se no n.° 179 dos *Pobres no Porto*: *

89 Vai estabelecer-se em Tentugal uma fábrica a vapor para fiação de algodão, em ponto grande, e com o fundo de 400 contos. Os estatutos da Companhia que se denomina *Concordia*, foram aprovados n'esta cidade. Ninguem duvida da utilidade da fábrica, e tambem parece fóra de dúvida que ella deverá dar lucro, porque o consummo d'este genero é immenso, e vai em augmento. Julgo que quem promove isto n'essa cidade é o Eduardo Moser.

O 'tributo dás cem donzellas' de que fallámos no nosso número passado, foi á scena, no dia 3 do corrente, no theatro da Rua-dos-Condes. A casa estava completamente cheia de espectadores: Suas Magestades honraram o theatro com a sua presença. A peça interessa pela acção e satisfaz pela magnificencia. Ao sr. Epiphanio devem-se elogios não so pelo bem que desempenha a sua parte; mas tambem pela habilidade com que organisou todo o complexo scenico, alias de mui difficil desinvolvimento. Faremos especial menção do sr. Tasso, particularmente no 1.° acto na scena com D. Ramiro. Na sr. Emilia desejaria-mos ver um character mais ingenuo e melancholico, como ella os sabe representar tão perfeitamente; e que moderasse um pouco mais a expulsão das interjeições *ah!* — *oh!* — *ai!* etc. Parecia-me tambem que no 2.° acto na scena com seu irmão, quando vê a espada d'elle pendente sôbre a sua cabeça, aquella exclamação 'Santos e anjos do Ceu!' deveria ser um grito de medo e não voz supplicante de quem implora. Tambem acho que se confrange demasiado, designadamente na oração, final do 1.° acto. Estas simples observações faço-as porque os talentos da illustre actriz são capazes da perfeição; e porque sei que a sua docilidade em admittir as reflecções é tão exemplar como o seu

* Correspondencia de Lisboa.

merito é superior. A musica do sr. Pinto é bella e assaz adquada. Os adereços do sr. Fornari são magnificos: e as vistas pintadas pelo sr. Xavier tem bastante merecimento. O estylo, a linguagem, o estudo dos costumes da epocha, e os melhoramentos, constituem ésta peça uma quasi, e muito boa producção do sr. Mendes Leal. Daremos mais larga conta de todo o espectaculo no seguinte número.

Por todo este mez d'agosto deve sahir o primeiro número da AURORA, *revista mensal*, redigida pelo sr. José da Silva Mendes Leal. Pêsa-me de que o pouco espaço não permitta a publicação do seu programa.

Caso de hydrophobia — N'Acinceira, logar pertencente ao concelho de Thomar, acaba de succeder um caso notavel pela coragem de um infeliz. José Ferreira, de idade de cincoenta annos, trabalhador de inchada, homem magro e de poucas forças, foi atacado por uma cão hydrophobiado, haverá seis mezes pouco mais ou menos: era um cão da Serra da Estrella que vinha com gado, e armado. O infeliz defendeu-se quanto póde; vendo porém as suas esperanças baldadas, conseguiu introduzir a mão direita pela bócca do cão, e assim o segurou pela lingua, e com a outra o degolou com uma navalha; mas ficou como ante braço e pernas todas mordidas. Tractou logo de ir a Santa-Quiteria, logar proximo de Santarem, e ahi foi benzido, e veio para casa muito descançado sem procurar mais remedio algum. Sicatrizaram-se-lhe todas as feridas com muita promptidão; mas passados seis mezes, abrem-se-lhe novamente as feridas, sente uma grande dôr por todo o braço, que se espalhava por todo o corpo, e vindo-lhe por accessos, afflição no coração, perda d'appetite, sêde inextinguivel, horror aos liquidos, accessos de fufor. Faz-se sangrar, porém os accessos de furor, e afflição tornam-se cada vez maiores, e mais amiudados: nos intervallos lastíma a sua sorte, pede aos que o cercam que o matem, afugenta toda a familia de casa; feixam-no só n'um quarto; n'um intervallo péga n'um crucifixo, aperta-o nos braços, pede perdão a Deus de se ir suicidar, e pega n'um machado e dá quinze golpes na cabeça; mas como não ficasse morto, desata a ligadura da sangria do dia antecedente, desafia a sahida do sangue, deita-se debruços e assim termina a sua horrorosa aflição aos 17 de julho de 1845, deixando mulher e tres filhos ainda de menor-idade. Isto foi presenciado por todo o povo d'Acinceira, e me foi contado por um patricio que asistiu a este acontecimento: é este mais um caso que devem tomar por exemplo as pessoas que se acham mordidas por cães derramados, para que se não fiem só nas bençãos dos charlatães de que o mundo está cheio, espalhando o seu ridiculo fanatismo; mas para que recorram logo quando mordidos aos facultativos que acharem mais promptos e com a brevidade possivel, para estes, com os meios da sua arte, os preseverarem do desinvolvimento do veneno: pois talvez que milhões de individuos que teem morrido com ésta molestia, se tivessem procurado os meios necessarios e proprios, não haveriam sido victimas de tão horrorosa morte.

M. L. O. M.

A Caixa-economica da Companhia Confiança recebeu 6:068$060 réis, e teve 27 depositantes novos, na semana de 27 julho a 2 do corrente.

Na *Illustração* franceza de 26 do passado veem-se tres estampas cujo assumpto é o baptizado da Serenissima Sr.ª Infante D. Antonia, celebrado em 8 d'abril do corrente anno na parochial de Santa-Maria de Belem. A primeira d'estas estampas representa a chegada do prestito á igreja, particularmente o coche de Suas Magestades: a segunda, a vista interior do templo no dia da ceremonia: a terceira, a ceremonia do baptismo. Todas as estampas, especialmente a ultima pelo trabalho dos detalhos, estão exactas e excellentemente executadas.

No dia 2 do corrente visitou Sua Magestade El-Rei o theatro de D. Maria II cuja construcção se concluirá em breve. Os trabalhos de pintura estão muito adiantados e são magnificos; gabam-se tambem muito os estuques cuja solidez e belleza são comefeito admiraveis. Do theatro passou Sua Magestade á Academia das Bellas-Artes para ver os quatro meios-relevos que hão de ornar a fachada do mesmo theatro para a praça de D. Pedro: são quatro primores d'obra d'esculptura. No seguinte numero tractaremos mais circumstanciadamense d'este objeto.

Na calçada do Duque n.° 3, ao Rocio, está fundado um novo estabelecimento para *collocação de criados e criadas de servir*, com o nome de PANDULOPARO. Á imitação do que se pratica em Londres, este estabelecimento dará todos os annos seis premios aos criados de ambos os sexos que o merecerem, segundo as condições publicadas pelo estabelecimento, uma das quaes é a residencia na mesma casa por espaço de tres annos.

Este estabelecimento estará aberto todos os dias desde as 9 horas da manhan até ás 5 da tarde.

A livraria do Sr. Silva (Praça de D. Pedro n.° 82) acaba de receber um famoso sortimento de obras — grande parte d'ellas soberbamente illustradas, e as mais recentes das que hoje se publicam em Paris. Esta boa circumstancia porém, de estar ao par com as livrarias de França, ja o Sr. Silva tem realizado outras vezes, agora o que ha de novidade no seu Armazem e singular em todos os estabelecimentos d'este genero em Lisboa, é a grande quantidade de livros de differentes linguas, allemães, inglezes, italianos, hispanhoes etc., que inriquecem hoje a sua livraria e que a tornam por assim dizer polyglota. Infelizmente procurava-se n'estes estabelecimentos um livro que não fosse francez e não apparecia: a litteratura da Hispanha, apezar de nossa vizinha, a de Inglaterra, apezar de ser o paiz com quem temos mais relações; eram apenas conhecidas de poucos litteratos que com avultadas despezas e incommodos conseguiam fazer que lhes chegasse á mão alguma obra d'estas linguas. Se o Sr. Silva continuar com o mesmo zêlo póde tornar o seu estabelecimento o primeiro de Portugal, no seu genero.

Por todo este mez deverão ser demolidos os barracões construidos na Praço de D. Pedro para serviço das obras do Theatro de D. Maria II.